



ANÁLISE DA RELAÇÃO HOMEM-ÁGUA: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES LOCAIS DE CACHOEIRA DE EMAS – SP, BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO MOGI-GUAÇU

ANALYSIS OF HUMAN-WATER RELATIONSHIP: THE ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF LOCAL RESIDENTS OF CACHOEIRA DE EMAS – SP RIVER BASIN MOGI-GUAÇU

Vinicius Perez Dictoro

*Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
São Carlos, SP, Brasil
e-mail: vinicius.dictoro@gmail.com*

Frederico Yuri Hanai

*Docente do Departamento de Ciências Ambientais
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
São Carlos, SP, Brasil
e-mail: fredyuri@ufscar.br*

Recebido em: 20/04/2015

Aceito em: 16/04/2016

Resumo

Na sociedade atual, a água passou a ser vista como recurso hídrico em um sentido utilitarista, e não mais como um bem natural disponível simbolicamente e culturalmente. Tem se visto poucos estudos que analisam o papel que a água teve e ainda têm na cultura e identidade das sociedades. A pesquisa objetivou identificar e analisar as possíveis relações que uma comunidade ribeirinha (Cachoeira de Emas-SP, localizado às margens do Rio Mogi-Guaçu) possui com o rio, identificando a sua percepção ambiental sobre a conservação da água. A pesquisa realizou um estudo de caso para expor o processo investigado e os resultados decorrentes da análise do problema. Para a realização do estudo, foi aplicado um roteiro de entrevista, a nove moradores locais, como instrumento de pesquisa, buscando-se identificar as principais relações que esses moradores possuem com a água e sua percepção sobre alguns aspectos relacionados ao seu uso. A pesquisa mostrou a existência de diversas relações (não somente utilitarista) dos moradores ribeirinhos com o rio por meio de entrevistas, revelando que a água é elemento fundamental para sua vida, tanto para uso e consumo como para suas relações simbólicas

(respeito, admiração, sentimento, religião, mística, conservação). A pesquisa proveu recomendações para o uso responsável da água, subsidiando ações de sensibilização para sua conservação, para a valorização dos rios, e para a manutenção das diversas relações do Homem com a água.

Palavras-chave: comunidade ribeirinha; água e cultura; gestão da água.

Abstract

In current society the water came to be seen as water resource in a utilitarian sense and no longer as a very natural available symbolically and culturally. Has seen very few studies that analyze the role that water had and still have on corporate culture and identity societies. The research aimed to identify and analyze possible relationships that a Riverside community (Cachoeira de Emas-SP located on the banks of the River Mogi-Guaçu) have with the river identifying their environmental perception on water conservation. The research conducted a study of case to expose the process investigated and the results arising from the analysis of the problem. To carry out the study we applied an interview, nine local residents, as a tool for research, seeking to identify the major relationships that these residents have with the water and its perception on some aspects related to its use. Research has shown the existence of various relationships (not only utilitarian) coastal dwellers with the River through interviews, revealing that the water is fundamental to his life, both for use and consumption as to its symbolic relations (respect, admiration, feeling, religion, mysticism, conservation). The research provided recommendations for the responsible use of water providing a foundation to raise perception for their conservation for the recovery of the rivers and the maintenance of several relationships between Man and water.

Keywords: riverside community; water and culture; water management.

1. INTRODUÇÃO

Desde as primeiras civilizações que são conhecidas de nossa existência, a presença ou ausência de água escreve a história da sociedade, cria culturas e hábitos, determina a ocupação de territórios, gera guerras, extingue e dá a vida às espécies e determina o futuro das gerações (BACCI, 2008).

A utilização da água para os diversos usos pela sociedade fez com que durante muito tempo, as diversas relações do Homem com a água não tenham

sido devidamente valorizadas e efetivamente compreendidas, ocasionando várias consequências culturais e ambientais relacionadas à sua quantidade e qualidade.

As questões ambientais vêm ocupando espaços nas políticas de governos, nos diferentes meios de comunicação, e também sendo discutidas pela sociedade, com o entendimento de que é preciso repensar, mudar as relações com o meio ambiente (SILVA, 2014). Nesse sentido, é necessário modificar a forma de compreensão do mundo, realizar uma reflexão da vida e do modo de viver, buscando uma reconstrução simbólica de nossa maneira de habitar o planeta.

Hoje, a racionalidade da modernidade, uma racionalidade extremamente capitalista, resultou em um processo de construção de um mundo moderno, baseado no Homem e em suas ações antrópicas, gerando perdas de valores simbólicos e uma apropriação da natureza, intensificada pela exploração de seus recursos naturais.

Na origem dos atuais problemas socioambientais existe uma lacuna fundamental entre o ser humano e a natureza, que é importante eliminar. Essa lacuna está pautada no distanciamento das relações humanas com a natureza, para isso é preciso “reconstruir nosso sentimento de pertencer à natureza” (SAUVÉ, 2005, p. 317). Segundo Pereira (2010), existe uma relação de respeito, gratidão, medo, cumplicidade e estranhamento com a natureza, o que se apresenta como causa direta da preservação ambiental das localidades nas quais as populações tradicionais habitam.

Na atual sociedade urbana, a água passou a ser vista como recurso hídrico em um sentido utilitarista, e não mais como um bem natural, que deve estar disponível tanto para a existência humana e o equilíbrio e manutenção dos ecossistemas, quanto para os vários sentidos e relações a ela associados. As relações Homem-Água perpassam essa relação de sentido utilitarista, voltada apenas para fins de uso econômico e de sobrevivência, e configuram outras relações como simbólicas, religiosas, culturais, emocionais, místicas e de respeito.

Os povos considerados tradicionais como: os camponeses, indígenas e ribeirinhos, possuem modos de existência diferentes das sociedades urbanas modernas. Esses povos trazem elementos vivos, fortes e de esperança para uma reconstrução simbólica da nossa relação com a natureza e o contato com a água.

“Os geógrafos e os historiadores da cultura enfatizam que a água nunca é “somente água” para os seres humanos” (CABRAL, 2011, p. 160). Ou seja, os seres humanos sempre intitulam distintos significados à água. Dessa maneira a água é uma fonte de estudo para os geógrafos culturais, que investigam essa gama de significados atrelados à água e a forma como esses significados atuam na percepção e na ação dos grupos sociais em diferentes lugares.

Em diversas religiões por todo o mundo a água é considerada sagrada. Segundo Oestigaard (2009), em muitas religiões presentes em diferentes comunidades na bacia do Rio Nilo a água ou partes da água no ciclo hidrológico pertencem aos reinos divinos, vinculando deuses aos seres humanos. Essa relação da água com as crenças religiosas pode impactar nas atividades que os seres humanos possuem com as águas, pois devido a ela possuir um forte significado simbólico e religioso isso pode resultar em ações de conservação e preservação da água.

Todos os organismos vivos são sustentados pela água, desde os sistemas terrestres para os tecidos vivos, do oceano para a atmosfera, tudo isso em um ciclo interminável. A atividade humana envolve sempre a mobilização direta ou indireta de água (CABRAL, 2011).

“Rios, riachos, lagos, córregos e nascentes desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social e simbólica do modo de vida, garantindo água para atendimento aos diversos usos e demandas pelas populações tradicionais ribeirinhas”. Algumas populações tradicionais ribeirinhas atribuem valores às águas que são distintos dos valores presentes nas sociedades urbano-industriais (DIEGUES, 2007, p. 03).

Segundo Gratão (2008), rios, lagos, canais são imagens que embelezam uma cidade, ou não. Águas, quando limpas, transparentes encantam os olhos de quem as contemplam, já quando estão sujas, poluídas denunciam o desrespeito dos Homens com elas, limpas, manifestam a vida, sujas expressam a dor, a morte. Por essa natureza, a imagem da água pode expressar a qualidade na cidade por meio da percepção ambiental.

Porém, tem se visto que poucos estudos têm analisado o papel que a água sempre teve e ainda têm na cultura, identificação e religião das sociedades. A água não é apenas uma substância física e um recurso escasso, mas também parte do popular das sociedades, formadora de identidades, culturas, visões e percepções do mundo (OESTIGAARD, 2009).

O conhecimento prático sobre o meio ambiente tem, na maioria das vezes, origem na experiência do cotidiano do povo local, por meio dos hábitos e da vida desses povos tradicionais (HANNIGAN, 1995). Hoeffel (2007), enfatiza que as percepções ambientais sobre a natureza são muito diversificadas, e que o reconhecimento dessas diferenças nas percepções podem auxiliar na elaboração de uma análise crítica sobre maneiras de lidar com o mundo natural, pois com esse estudo torna-se possível identificar e caracterizar distintas relações do Homem com o meio ambiente, e isso pode auxiliar na formulação de políticas públicas que visem ações sustentáveis a longo prazo.

Compreender suas ações e se sensibilizar com a crise socioambiental é um importante passo para a busca do ponto de equilíbrio entre sociedade e natureza. É nesse sentido que se faz necessário ampliar as percepções acerca do ambiente em que se vive e atua (SILVA, 2014).

Assim, é importante o estudo sobre as percepções do meio ambiente, que já estão no comportamento dos sujeitos a serem investigados, visto que são pelas percepções dessas pessoas que se pode perceber e identificar novas relações, contatos e significados com a água, que auxiliem na sua gestão e conservação.

Estudar e analisar diferentes comunidades ribeirinhas e seus envolvimento e relações com a água e os rios são um processo crucial na história pessoal, social, religiosa e cultural desses povos. Enfatizando e comparando pessoas diferentes e seus modos e relações com a água, é possível identificar e analisar em profundidade o papel e o significado da água na história de determinada região, pois a água constitui as identidades pessoais e coletivas em vários níveis (OESTIGAARD, 2009).

Assim o presente estudo objetivou identificar e analisar as possíveis relações de ribeirinhos com a água e com o rio, apresentando relações distintas das encontradas nas sociedades urbanas, a fim de prover cenários para o uso responsável da água e criar subsídios para ações na gestão e conservação da água. O estudo foi conduzido aos moradores ribeirinhos do distrito de Cachoeira de Emas (município de Pirassununga-SP), localizado às margens do Rio Mogi-Guaçu, estado de São Paulo.

Neste artigo, apresentam-se inicialmente os procedimentos metodológicos empregados, depois as características do local onde foi feita a pesquisa, posteriormente a análise dos dados obtidos e por fim traçam-se algumas considerações sobre a relação Homem-Água.

2. MATERIAL E MÉTODO

2.1 Área de estudo

A área de estudo dessa pesquisa foi o distrito de Cachoeira de Emas, localizado próximo ao município de Pirassununga, dentro do estado de São Paulo, como mostrado na **figura 1** a seguir:

DICTORO, V. P.; HANAI, F. Y.
**ANÁLISE DA RELAÇÃO HOMEM-ÁGUA: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES LOCAIS DE
CACHOEIRA DE EMAS-SP, BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO MOGI-GUAÇU**

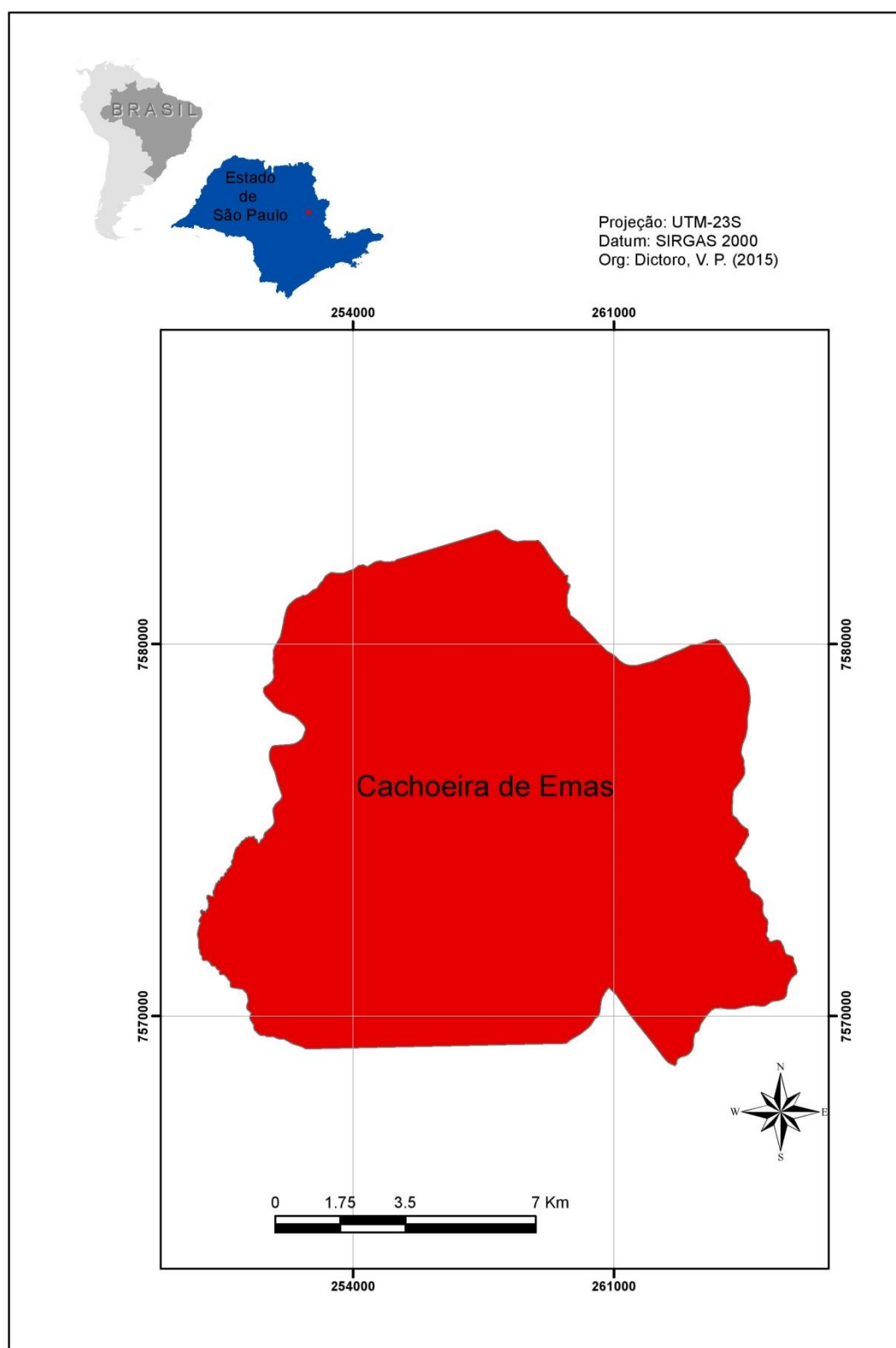


Figura 1 – Mapa de localização do distrito de Cachoeira de Emas no Estado de São Paulo/Brasil. Fonte: Elaboração dos autores.

O distrito de Cachoeira de Emas fica no trecho médio do Rio Mogi-Guaçu, sendo uma região com grande potencial turístico. Possui uma infraestrutura voltada para o atendimento de turistas com grande número de restaurantes e quiosques para lazer, e tem como principal característica a presença do Rio Mogi-Guaçu, importante para a sobrevivência de muitos de seus moradores locais.

A região de Pirassununga, na qual está inserida a área de estudo, encontra-se sobre o clima tropical, sazonal, com verão chuvoso e inverno seco. Devido às características pedológicas da região, e os remanescentes de vegetação, presume-se que a vegetação original do local seria diversas variações do Cerrado. No distrito de Cachoeira de Emas também encontra-se uma área de reserva de Cerrado, chamada Reserva Biológica do Cerrado de Emas, pertencente ao Centro de Pesquisa e Treinamento em Aquicultura (CEPTA), subordinado ao IBAMA (PIVELLO, 1997).

2.2 Instrumento e procedimentos para coleta de dados

O presente estudo empregou o conjunto de duas etapas com procedimentos sistemáticos para obtenção de dados e a análise histórica e cultural da relação Homem-Água.

A primeira parte da pesquisa envolveu o levantamento bibliográfico de documentos, artigos científicos, relatórios, livros e teses que abordam a relação Homem-Água, identificando-se temas sobre a sociologia ambiental, a percepção ambiental e a pesquisa social.

A segunda parte deste trabalho empregou o método de pesquisa qualitativa que conforme Flick (2009), a pesquisa qualitativa busca explicar os fenômenos sociais existentes, de diversas maneiras diferentes:

- Analisando experiências de indivíduos ou grupos. As experiências podem estar relacionadas a práticas cotidianas ou profissionais, e podem ser tratadas analisando-se conhecimento e relatos;

- Investigando documentos ou traços semelhantes de experiências ou interações.

A pesquisa qualitativa faz uso do texto como material empírico, baseando-se na noção da construção social das realidades em estudo, buscando-se identificar as perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo (FLICK, 2009). A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados (TUAN, 1980; RICHARDSON, 2012).

Com essa abordagem qualitativa, os pesquisadores estão interessados nas pessoas realmente envolvidas que possuem experiência com a questão da pesquisa. Dessa forma, a busca por casos fundamentais é em função da experiência, do conhecimento diário e da prática que se quer investigar. Assim, a amostra deve ser representativa, não no sentido estatístico ou por representar a realidade em uma população, mas os casos devem ser capazes de representar relevância do fenômeno que se quer estudar em termos de experiência e envolvimento dos participantes da pesquisa com a questão abordada (FLICK, 2009).

Dessa forma, realizou-se um estudo de caso para expor o processo investigado e os resultados são decorrentes da análise das entrevistas realizadas com alguns moradores locais da área do estudo.

Nesse artigo, o estudo de caso envolveu entrevistas individuais com nove moradores ribeirinhos de Cachoeira de Emas, distrito localizado no município de Pirassununga no estado de São Paulo. Os moradores ribeirinhos locais são pessoas simples, que vivem suas vidas graças ao rio e a pescaria, muitos são pescadores profissionais e também realizam trabalhos voltados ao turismo na região, pois levam os turistas para passear no Rio Mogi-Guaçu, e conhecer um pouco mais das histórias desse importante rio do estado de São Paulo. Buscou-se identificar os moradores mais antigos do lugar, e prezou-se pela qualidade dos depoimentos e não pela quantidade de entrevistados,

sendo que a amostra representada por nove moradores é condizente com o perfil que se buscou para realizar essa pesquisa. Os entrevistados foram selecionados para as entrevistas partindo-se de indicações dos próprios moradores locais, pelas premissas de maior vivência local, maior experiência, contato, atividades diárias e conhecimento sobre o Rio Mogi-Guaçu. Assim, os moradores entrevistados possuem uma média de idade de aproximadamente 60 anos, confirmando a participação significativa de moradores experientes da localidade.

Para a realização do estudo, foi aplicado um roteiro de entrevista como instrumento de pesquisa, buscando-se identificar as principais relações que esses moradores possuem com a água e sua percepção sobre alguns aspectos relacionados ao seu uso. Utilizou-se de um roteiro de entrevista para que se possibilitasse a obtenção detalhada das repostas dos entrevistados sobre os seguintes temas: relação Homem-Água, respeito e afetividade pela/com a água, percepção dos impactos na água, desperdício de água, e conhecimentos tradicionais.

O método, de entrevistas, é utilizado quando se deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. A técnica de entrevistas atende principalmente finalidades exploratórias, sendo bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados (BONI, 2005).

As entrevistas foram realizadas em setembro de 2013, em dois dias de trabalho de campo, sendo que cada entrevista teve uma duração média de 30 minutos, e foram gravadas com o auxílio de um gravador digital. Antes de cada entrevista foram explicados os objetivos do projeto, e questionado se cada pessoa gostaria de participar, se poderia utilizar o gravador e também suas respostas para a elaboração de artigos e trabalhos. Não houve nenhum caso de recusa para a participação dessa pesquisa, visto que a própria indicação, por outros moradores, facilitou esse processo, construindo assim uma rede de pessoas dispostas a participar e contribuir nesse trabalho. Na abordagem

inicial, foi questionado aos entrevistados se eles gostariam que sua idade fosse divulgada nos trabalhos resultantes da pesquisa, dessa forma foi respeitada a opinião de cada um dos entrevistados.

A entrevista inicial foi conduzida partindo-se das indicações de moradores ribeirinhos com maior vivência local e com maior experiência na sua relação e contato com o rio, sendo um dos mais antigos pescadores da região, após isso o próprio entrevistado indicou outro morador com essas características para continuar a aplicação das entrevistas. Esse método é chamado de método “bola de neve” (BERNARD, 1988), onde cada entrevistado indica outra pessoa que atende à finalidade da pesquisa para responder os questionamentos.

Dessa maneira, foram realizadas nove entrevistas com moradores ribeirinhos locais de Cachoeira de Emas-SP. A principal dificuldade, em alguns casos, foi de encontrar essas pessoas, muitas vezes eles não estavam em casa, ou tinham descidos ao rio para ver as redes ou ainda levar turistas para fazer passeios. Pois como as entrevistas não eram agendadas, e sim os próprios entrevistados indicavam onde encontrar a casa desses moradores, nos dias do trabalho de campo não tinha como prever se esses moradores estavam disponíveis para a realização das entrevistas.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à transcrição, análises e organização delas em distintas relações Homem-Água que foram encontradas, em função de sua tipologia, as quais serão apresentadas nos resultados e discussões. A transcrição das entrevistas foi realizada mantendo os vocábulos regionais dos entrevistados, sendo transcrito exatamente a fala de cada morador.

A escolha de fazer a pesquisa com os moradores ribeirinhos de Cachoeira de Emas, mostrou-se extremamente satisfatória, devido a essas pessoas estarem relacionadas diretamente com a água, realizarem atividades diárias como: a pesca, o lazer, o trabalho, admiração e o contato com o Rio Mogi-Guaçu, e também possuírem uma alta dependência desse recurso, ou

seja, um retrato diferenciado do que ocorre com grande parte dos moradores do estado de São Paulo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados identificados das relações dos moradores ribeirinhos com a água foram organizados em distintas categorias de análise, em função de suas tipologias descritas detalhadamente a seguir: Relações da água com Crenças/Religiosas; Relações de respeito e afetividade pela/com água; Percepção dos impactos e poluição na água; Relações dos Conhecimentos Tradicionais/Saberes Locais e a água; Relações de ações de Conservação e a água; e a Percepção do Rio Mogi-Guaçu sob ótica dessas pessoas.

Tal abordagem obteve resultados que permitirão subsidiar ações, projetos e propostas de sensibilização para a conservação da água.

3.1 Relações da água com Crenças/Religiosas

Algumas comunidades ribeirinhas são marcadas pela religião, as águas doces têm um valor sagrado que se perdeu nas sociedades modernas urbanas. Para confirmar essa relação marcada pela religião e fé, apresentam-se alguns relatos das entrevistas que expressam palavras com essa relação da água com crenças religiosas.

No relato do morador ribeirinho Luis Carlos, identificou-se a ocorrência dessa relação com o Rio Mogi-Guaçu: *“Aqui todo ano vem um povo batizar um pessoal, vem batizar, todo ano. Batiza um monte de gente, é uma coisa deles. Tem gente que chega aqui, que nem domingo você vem aqui tá lotado[...], de religião é isso aí que te falei, uma vez por ano o povo vem ai batizar o pessoal, é sei lá uma crença deles, o pessoal pergunta pra gente onde pode entrar, como que tá a profundidade aquela coisa, mas eles tem essa crença todo ano, batiza Homem, batiza Mulher”* (Luis Carlos, 56 anos).

Já no relato do ribeirinho José Donizete, este morador enfatizou a importância da água também nas crenças religiosas: *“Negócio de religião assim é complicado, porque onde que batizou, foi na água né, por isso que eu*

falo pro cê a água é tudo, você não vai lavar a cabeça com uma pelota de barro". (José Donizete, 57 anos). A mesma relação foi identificada na abordagem do ribeirinho Paulo: *"A água é uma benção de Deus né, a água é tudo né[...]"* (Paulo, 55 anos).

Em algumas comunidades tradicionais ribeirinhas, em geral marcadas pela religião, as águas possuem um valor sagrado que está se perdendo na atual sociedade urbana. Mesmo com os moradores locais de Cachoeira de Emas-SP, que hoje já é um município urbanizado, se vê que ainda existem pessoas que usam a água do rio diretamente para o batismo, identificando essa relação do Homem com a água e as crenças religiosas. Porém, conforme vai passando os anos, algumas tradições vão diminuindo, até mesmo entre os entrevistados, poucos abordaram sobre a relação religiosa com a água.

3.2 Relações de respeito e afetividade pela/com água

Para muitas comunidades ribeirinhas o rio representa o ecossistema e cultura, pois entre rio e seres humanos existe um sentimento de pertencer à natureza como parte de um ciclo de vida que se apresenta nas culturas ribeirinhas (FERREIRA, 2010a).

Nos trechos das entrevistas apresentados a seguir foram identificadas as relações que remetem ao respeito e a afetividade que os moradores ribeirinhos possuem com o rio e/ou a água.

O ribeirinho Luis Carlos enfatizou a primeira relação dele com a água, que é a de respeito: *"Eu aqui, a minha relação eu e ela aqui, primeira coisa é que eu respeito ela demais, e segunda coisa que eu vivo com ela, eu trabalho com ela. Primeiro é que eu respeito demais ela, primeira coisa o respeito, depois o convívio com ela é essencial"* (Luis Carlos, 56 anos).

Nesse relato mostra a relação de respeito que esse morador local tem com a água e o Rio Mogi-Guaçu, essa relação é extremamente importante, uma vez que a pessoa respeita e possui essa percepção, dificilmente ela irá contribuir para a degradação desse ambiente.

O ribeirinho Paulo mostrou em suas palavras o significado que o rio tem para ele: *“O rio significa pra mim coisa boa, natureza né, a gente vê o rio, vê aquelas árvores, faz bem, de vez em quando eu fico sentado ali no banquinho atrás da usina lá olhando o rio, meditando, coisa que Deus fez e o Homem estraga tudo, Deus faz o Homem estraga”* (Paulo, 55 anos).

O ribeirinho Celso se emocionou ao falar de sua relação com o Rio Mogi-Guaçu: *“Nossa, tem nem jeito de eu fala pro cê vio, o Rio Mogi é o seguinte ele é um rio que nos bebia água dele, eu comecei a pesca bebia água, ia pescar com meu pai, meu pai levava pra pesca bebia água dele, não fazia mal mesmo, tinha muita nascente na beira do rio tinha, e depois com o crescimento da população, o desmatamento, essas indústrias então o governo ele viro as costas pra essa parte aí [ambiental] porque ele queria o crescimento, o desenvolvimento pro povo, empregos essas coisas, então ele foi facilitando e ó o ponto que chegou, chegou num ponto que para recuperar agora, eu não acredito que recupera mais, é difícil, as nascentes por exemplo já vai. Essa lei ambiental nova que foi votada agora, eu tava até contente porque falei agora eles vão recupera as margens do rio né, mas até agora nada foi feito, ninguém se manifestou a favor. A lei nos temos, mas ninguém obedece a lei, ninguém cumpre a lei”* (Celso, 70 anos).

A moradora de Cachoeira de Emas, Maria Angélica mostrou em suas palavras o forte sentimento que possui com esse local: *“todos os dias para ir para o trabalho passo em cima da ponte sobre o Rio Mogi em Cachoeira de Emas, então vejo essa beleza impar todos os dias, às vezes tenho lembranças de quantas vezes nadamos e tenho boas recordações desse rio que fez parte da minha infância, sinto até o cheiro da água quando passeio sobre a ponte nos finais de semana, coisa que muitas pessoas não dão muita importância. Como fui criada na beira do Rio Mogi porque meu pai era funcionário da CESP companhia de energia de São Paulo, minha casa ficava na beira da barragem em um lugar muito privilegiado onde dava para ver a cachoeira quase inteira, na época de piracema subida dos peixes era visível a olho nu os cardumes de peixes na topava logo abaixo da barragem onde eles subiam a escada de peixe*

feita para essa finalidade, encontrando logo acima a área mais funda do rio para desova, assim seus alevinos ficando protegidos nas lagoas marginais do lado de cima da barragem, eram épocas bem marcantes depois da desova os peixes desciam rio abaixo procurando alimento no rio em suas imediações, andando quilômetro e quilômetros rio abaixo, concluindo todo um ciclo de vida” (Maria Angélica, 64 anos).

Em todos esses relatos foram abordadas essa relação de respeito e afetividade pela/com a água, os moradores locais passaram e passam suas vidas com esse contato diário com o Rio Mogi-Guaçu, para eles esse rio faz parte de sua história, e por isso respeitam e possuem fortes emoções quando questionados sobre seu passado e seus contatos com esse rio.

Segundo Gonçalves (2014), as pessoas possuem uma percepção não somente impulsionada por suas sensações, mas acompanhada de um contexto histórico, cultural e de padrões determinados socialmente, devido a viverem em torno de contextos socioculturais. Vê-se que nos relatos desses ribeirinhos o sentimento de pertencer àquele local, morar próximo ao Rio Mogi-Guaçu é forte, caracterizando uma relação de identidade cultural dessas pessoas com esse ambiente.

Muitas vezes essa afetividade com o rio e de pertencer à natureza são identificados na preferência dessas pessoas por morar nesse local, mesmo quando não estão realizando suas atividades diárias, muitos moradores locais preferem ficar na beira do rio apenas para passar o tempo ou admirar a natureza. Esses lugares, na beira do rio, ficam sendo como pontos de encontro, de conversas e de convívio social, conforme Ferreira (2012b), o rio é para o ribeirinho o lugar de obtenção de água, de alimento, de renda, de cultura e de vivência social.

3.3 Percepção dos impactos e poluição na água

A percepção dos impactos e poluição na água foi um dos aspectos mais comentados pelos moradores ribeirinhos de Cachoeira de Emas. Segundo os

moradores a poluição é advinda de várias indústrias que estão próximas ao rio e até mesmo das pessoas que jogam seus lixos na água e no Rio Mogi-Guaçu.

Observou-se que esses problemas acontecem historicamente e vem causando inúmeros transtornos aos moradores que dependem do rio ou da água: *“Já. Em 1970 a Champion [uma antiga empresa de cana de açúcar] sorto uma lixívia [produto resultante da adubação da cana] e mato praticamente tudo o que tinha, porque nos ficamos 4 anos sem peixe, então foi um prejuízo muito grande, tanto pra mim quanto pro rio né, e pro povo daqui também né”* (Dovanir, 67 anos).

O ribeirinho Celso também relatou o mesmo impacto, explicando o que aconteceu no rio: *“Ah já, a Champion de Mogi Guaçu que deu uma descarga daquela lixívia deles que matou muito peixe, mais de 350 quilômetros não ficou nada, até borboleta matou, ficou da cor dessa mesa assim a água [marrom escuro], se você descesse o rio aí, onde tinha uns reguinho de água assim, o riozinho que tava desaguando você olhava dentro deles é que o peixe tava se salvando ali dentro, você que tava tão forte a água que um palmo d'água era um oceano prum peixe, você via o desespero”* (Celso, 70 anos).

Nesses dois relatos observa-se que os moradores locais culpam as atividades industriais pela poluição que foi causada no Rio Mogi-Guaçu, essas pessoas convivem e dependem diretamente do rio, por isso qualquer alteração da qualidade da água eles sentem rapidamente.

O ribeirinho Luis Carlos comentou sobre a qualidade da água no Rio Mogi-Guaçu: *“[...] tem gente que chega e pergunta a qualidade da água, quando pergunta eu falo, aqui tá passando 41 esgoto domiciliar, eu falo, aqui desce boi morto, aqui desce capivara morta. Esse rio nasce lá em borda da mata Pouso Alegre, ele nasce em Minas atravessa São Paulo entra no Rio Pardo, vai pro Rio Grande de novo em Minas, e vai para o Paranazão encontra com o Paraná, você vê o percurso dele ele tem 400 e poucos quilômetros. Agora se você pega ele lá no Sul de Minas na borda da mata Pouso Alegre chove lá e ele vem trazendo tudo”* (Luis Carlos, 56 anos).

Outras pessoas como o ribeirinho Murilo comentou sobre a qualidade da água e sobre venenos que vêm para o rio: *“Ah já né, qualidade é normalmente quando dá essas primeiras chuvas, essas coisas assim, todas essas substâncias químicas que tem nesses corgos [córregos], essas lavouras beirando o rio, tanto esses venenos quanto as próprias usinas, não pode dar uma chuva que você percebe que a água já muda, espuma, fica mais fedida, eles proveitam e soltam tudo no rio, principalmente essas usinas [de cana de açúcar] que tem esses corguinhos. Aqui mesmo aqui pra cima tem duas, três [...] são oportunistas”* (Murilo, 30 anos).

A moradora Maria Angélica também relatou nesse aspecto: *“quando criança nossos pais sobreviviam da pesca em Cachoeira de Emas, havia época que as indústria instaladas logo acima da Cachoeira de Emas jogavam substancias químicas na água prejudicando a vida dos peixes, eles morriam por falta de oxigênio por tanta quantidade de material em suspensão e gás toxico, quando isso acontecia morriam muitas toneladas, sendo que até hoje ainda acontece alguns casos e a punição é muito branda para esses empresários nossas leis não são tão severas”* (Maria Angélica, 64 anos).

Fica dessa forma muito difícil pensar na preservação e conservação desse rio, visto que os moradores locais sabem e vivenciam a poluição dessas águas. O sentimento de tristeza ao ver a situação com que se encontra hoje o Rio Mogi-Guaçu, toca o coração dessas pessoas. Pois são moradores que sempre viveram e vivem nas margens desse rio, e possuem um contato diário com essa água. A cada dia que passa o rio se encontra mais poluído e degradado, tanto pelo Homem e suas ações de desmatamento, como pelas indústrias e usinas instaladas próximas a esse recurso natural.

Segundo Ferreira, D. T. A. M. (2014, p. 82), “a falta de conhecimento e planejamento na instalação de alguns empreendimentos, associada a uma gama de normas técnicas que ignoram as relações simbólicas dos ribeirinhos com seu ambiente de construção cultural, acarreta inúmeras perdas como: o sofrimento gerado pela perda da paisagem, a falta de recursos naturais de uso

cotidiano como a água, e às vezes a necessidade de mudar de seu local natural”.

Esses aspectos são evidenciados quando mostram-se relatos de pescadores que culpam o Homem e seus empreendimentos à má qualidade da água, que cada vez mais está se tornando frequente, diminuindo a quantidade de peixes e prejudicando a qualidade da água encontrada nos rios. Fato esse que já foi evidenciado desde antigamente, e hoje a situação do rio e sua qualidade de água só piora, visto que cada vez mais as atividades humanas degradam o meio ambiente.

O desmatamento e a falta de mata ciliar na beira do rio são um dos problemas evidenciados no local, cada vez menos tem se respeitado as margens dos rios, e assim quando chove todos os poluentes e resíduos são jogados diretamente na calha do rio, aumentando sua poluição, e causando cada vez mais o assoreamento, um problema grave que muitos rios brasileiros estão passando.

3.4 Relações dos Conhecimentos Tradicionais/Saberes Locais e a água

Nas últimas décadas desenvolveram-se bem mais as pesquisas sobre os chamados “povos tradicionais”, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza. Mais recentemente, a partir dos anos de 1980, tem se valorizado os diferentes saberes sobre a natureza de comunidades tradicionais (DIEGUES, 2000).

Durante as entrevistas, foram identificados alguns conhecimentos e crenças locais sobre a pesca e os saberes tradicionais sobre a qualidade do rio: *“Pra gente que ta aí já faz 30 anos morando na beirada do rio, eu to com 30 anos hoje, nascido aqui em Cachoeira e sempre to na beirada do rio. Só de você chegar em cima da ponte você olha a cor da água, você sente o cheiro da água, você sabe a época boa pra você pesca, a época boa pra você não tomar prejuízo, isso é sobrevivência nossa daqui, pra gente né, agora pro pessoal que vem de fora, pessoal olha assim, tem muita gente que chega aqui olha o*

rio assim nossa que água poluída essas coisas e tal, só que a pessoa não imagina o tanto de peixe que tem nesse rio. O que mais tem é dourado, curimbatá, piapara, vários tipos de mandi, piaba, lambari, pintado, cachára” (Murilo, 30 anos).

O morador José Donizete revelou seu conhecimento sobre quando o rio está bom para a prática da pescaria e ainda faz uma relação com as fases da lua: *“É aí tudo vem de coisa né, vamos supor assim, volta eu ir a pescar aí cheguei ali embaixo tinha enchido um tanto assim, faz diferença, a boca lá ó, do outro lado da escada tava encoberta, os caras lá onde eles tã a água tava lá em cima, olha hoje o tanto que abaixou, então se ele tive seco, mais seco fica bom para pescar, melhor, se ele tive nesse ponto aí, pode até pescar você não pega nada, e se você pegar ele enchendo pior ainda, agora se você pegar ele secando é o ideal para pescar, quando chega no normal mesmo aí fica bom né, tudo é relativo. E a lua né, se for lua boa você pega, se for lua ruim pode esquecer que não pega nada”* (José Donizete, 57 anos).

O experiente pescador Walter Machado citou que chega mesmo a sentir quando o rio está bom para a pesca: *“Temo que respeita o tempo de desova dos peixes né, essa é a principal coisa do pescador, se não num tem mais peixe pra gente e aí como é que faz? Mas é do dia né, tem dia que a gente vê a água e saí pra pesca, porque as vezes a gente acha que vai tá bom né, é difícil saber, muito tempo pescando e vendo o rio a gente sente né”* (Walter Machado, 75 anos). Nesse relato também encontra o saber ambiental do morador ribeirinho, como explicado por Leff (2009, p. 18): “o saber ambiental muda o olhar do conhecimento e com isso transforma as condições do saber no mundo na relação que estabelece o ser com o pensar e o saber, com o conhecer e o atuar no mundo”.

O ribeirinho Paulo disse que conhece muito bem a área em que vive e fala sobre um rio de água cristalina próxima a região: *“Tem o Rio Jaguari aqui, que cê entra dentro dele é uma água limpinha, um cristal, os peixes pra escapar da poluição entra tudo dentro dele, esse rio desemboca lá no Cocais, é*

o Rio Jaguari, limpinho, pode até beber a água, é uma água, se pega um pouquinho da água do rio bebe um golinho cê já acha a diferença”.

Ele também relatou que devido à poluição no rio, o peixe fica atordoado e mais fácil para captura: *“Sempre foi assim, só que a gente nota uma coisa quando o Rio tá sujo que o peixe fica meio bobo, cê pega ele até com a mão, poluição. É ruim que a gente não descobre quem que solta isso daí, que a Champion não tá soltando mais não, a Usina São Luis também soltava antigamente, e soltava restil, agora não tá soltando mais, é pior do que soltavam antes, o cheiro mais forte, o peixe fica bobo”* (Paulo, 55 anos).

O conhecimento tradicional vem se tornando uma ferramenta importante para subsidiar ações de conservação e mostrar a percepção de sociedades tradicionais ribeirinhas que sempre se relacionaram com a água de uma maneira mais conservadora, tendo um grande grau de respeito e conhecimento no que diz respeito à seus usos. Porém, ainda faltam medidas e programas que levem em consideração o conhecimento tradicional no desenvolvimento das atividades e planejamento do poder público. Nessa área de estudo, o poder público não tem levado em consideração o conhecimento e as atividades que os moradores locais possuem com o Rio Mogi-Guaçu.

Segundo Machado (2003, p.131) a base empírica do conhecimento local da população sobre os rios de uma bacia hidrográfica deve ser valorizada, devido ao fato de possuir um forte valor socioambiental, pois a água faz parte da história dos indivíduos e da comunidade, ganhando sentidos simbólicos e culturais. Infelizmente, ainda hoje, o poder econômico e o poder público não levam em consideração e ainda não se interessam pela vivência desses moradores locais, muitas vezes essas comunidades são deixadas de lado no planejamento das ações e construções de empreendimentos, sendo que ficam marginalizadas ou ainda são obrigadas a deixar seus locais de vida social.

3.5 Relações de ações de Conservação e a água

Estudos têm mostrado a importância de conservar e preservar a qualidade da água e os rios, porém poucos desses estudos mostram essa

importância sob o ponto de vista de comunidades ribeirinhas. Muitas comunidades apontam por meio dos relatos para a importância de ser conservar a qualidade da água e também mostram o quanto o ambiente vem sendo modificado. Essas comunidades possuem uma percepção clara e nítida do que é preciso fazer para melhorar e conservar o rio, pois estão diariamente em contato com esse recurso.

Um dos principais problemas comentados pelos entrevistados é a existência do excesso de resíduos (sólidos) encontrados no rio, que atrapalham a pesca, cujos pescadores têm lutado para que isso não ocorra: *“De muita forma. Eu vou descendo [pra ir pescar] tem uma garrafa eu cato, tem uma latinha eu cato, tem um saco plástico eu cato”*. (Dovanir, 67anos).

O morador José Donizete também comentou sobre esse aspecto: *“Ah, eu faço de tudo para não jogar nada, se eu tiver no rio passa uma garrafa, qualquer coisa de plástico que seja, e se eu ver jogar eu faço catar, não deixo, tanto é que eu mandei esparramar lixeira, terça e quinta feira esse tratorzinho passa aqui, vai lá do outro lado, catando tudo”*. (José Donizete, 57 anos).

O ribeirinho Walter Machado apontou a importância do rio em sua vida, relatando que os pescadores são orientados, pelos moradores mais antigos e pessoas que sempre dependeram do rio, para não poluir o rio, pois dependem dele: *“A gente, os pescadores, são orientados pra não jogar nada no rio né, nois precisa dele pra viver, se não fosse o rio oque nois ia fazer da vida? Eu não sei, sempre pesquei, sempre vive na água, no rio, minha vida inteira foi assim, desde moleque”* (Walter Machado, 75 anos).

O morador Murilo também afirmou a necessidade do cuidado que o pescador deve ter: *“O pescador já respeita mais, ele precisa, ele sabe do que ele tem que tomar conta”* (Murilo, 30 anos).

A moradora Maria Angélica citou seu trabalho e dever de conservar a água: *“contribuo com palestras e orientação do uso da água nas escolas estaduais, trabalho em um órgão federal que cuida da parte de conservação das espécies de peixes ameaçadas de extinção por isso temos consciência do quanto devemos orientar nossos jovens do amanhã [...] As pessoas não foram*

educadas para isso não jogar papéis ou outras coisas no chão, acredito que tem que haver leis mais severa nas ruas das cidades para que isso seja a nossa realidade nos dias de hoje, ensinando nas escolas os futuros jovens e cidadãos do amanhã. ” (Maria Angélica, 64 anos).

Todas essas informações devem ser levadas em consideração no momento de se analisar locais e estratégias para a preservação e conservação da água. Ferreira (2010a) reforça esse aspecto destacando que as experiências com os ribeirinhos proporcionam reflexões sobre a forma de interação do Homem com o ecossistema (responsável pela maneira de viver à margem do rio) e reflexões sobre os conhecimentos construídos por eles, os quais devem ser reconhecidos e estudados como estratégias de conservação.

Devido ao convívio diário e os conhecimentos das comunidades ribeirinhas, esses moradores devem participar das políticas públicas destinadas a ordenar o uso dos serviços ambientais, subsidiar ações voltadas para conservação, uso responsável e gestão dos recursos hídricos.

3.6 Percepção do Rio Mogi-Guaçu, região de Cachoeira de Emas-SP

Os dados mostram a percepção dos ribeirinhos entrevistados sobre a qualidade da água encontrada no Rio Mogi-Guaçu na região de Cachoeira de Emas, município de Pirassununga-SP. As opiniões foram muito diferentes, alguns ribeirinhos comentaram que a água está muito ruim, muito poluída, enquanto que outros disseram que a água possui uma qualidade boa.

Para o ribeirinho Paulo o Rio Mogi-Guaçu era: *“Era uma beleza, era uma beleza”* (Paulo, 55 anos). Mostrando em suas palavras um sentimento de tristeza ao lembrar-se de como era esse rio.

O ribeirinho Luis Carlos também afirma que atualmente a situação do Rio Mogi-Guaçu não é boa: *“O que você tá vendo é poluição ó, aquilo que você ta vendo, aquela espuma é poluição, não preciso te falar mais nada. Do tempo que eu to aqui eu vejo ele assim, só poluição”* (Luis Carlos, 56 anos).

Enquanto que o ribeirinho Dovanir mostra otimismo em relação a água e fala que ocorreu uma melhora, devido também a uma maior fiscalização: *“Ah*

de 74 a água fico muito ruim, a água do Mogi, aí depois ela foi melhorando, melhorando, hoje ela tá é uns 80 % melhor do que ela tava. E a televisão também que qualquer coisinha a televisão tá em cima né, então ela melhorou muito” (Dovanir, 67 anos).

O morador José Bras também aborda esse mesmo aspecto e diz que tem ocorrido melhoras na qualidade da água: *“Olha eu acho até que melhorou, porque a gente teve umas reunião com o IBAMA, então a gente, que eles pegava no pé do pescador né, então a gente foi conversado lá que não é o problema do pescador, pescador não acaba com o peixe, o problema é a poluição que tá, então até que o IBAMA parece que deu um prazo pra cada cidade faze o levantamento né, então não sei se foi feito também, mas eu acredito que nem se todas fez, nem toda cidade fez , mas alguma fez por que melhorou sim”* (José Bras, 62 anos).

Para o ribeirinho José Donizete a qualidade da água do Rio Mogi-Guaçu é muito boa: *“Porque esse Rio, parece que é o segundo Rio do Estado de São Paulo, mais limpo, agora o primeiro eu não sei qual que é, esse é o segundo, então, ele, esses peixes que tá entrando nele não entra no Pardo [Rio] porque o Pardo ele é mais sujo, e tá faltando oxigênio, então eu acho que o berçário dele é aqui, acho que a água dele tá muito boa”* (José Donizete, 57 anos).

O pescador Murilo também reforça que no Estado de São Paulo o Rio Mogi-Guaçu está entre os melhores do estado, porém ele não fala sobre a qualidade da água e sim em quantidades de peixes: *“Antigamente tinha bem mais peixes, mas acredito que no Estado de São Paulo hoje não tenha um rio que tenha tanto peixe quanto ele, tanto em quantidade quanto em variedade de espécies, espécies que tinham sumido e tão voltando a povoar o rio nosso”* (Murilo, 30 anos).

Já a moradora Maria Angélica citou que o Rio Mogi-Guaçu vem sofrendo impactos que comprometem a qualidade de sua água: *“Na década de 70 e 80 [1970 e 1980] o nosso rio mesmo sofrendo impacto antrópico ainda era um rio considerado de água boa qualidade, onde usávamos para uso domésticos, para lazer e sustento dos profissionais que sobreviviam da pesca, mas com o*

passar do tempo vem sofrendo muito despejo de esgoto de industrial e doméstico, ficando essa água comprometida para consumo humano” (Maria Angélica, 64 anos).

Nas últimas décadas, tem aumentado o número de pesquisadores que propõem o uso do Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) como ferramenta importante na busca de informações sobre os recursos naturais, baseando-se na íntima relação de uso e dependência de recursos naturais exercidas por comunidades que praticam atividades tradicionais (JOHANNES, 1989; BEGOSSI, 2012 Apud DORIA, 2014). No caso apresentado nesse trabalho, se vê que os moradores locais possuem uma percepção ampla e um grande conhecimento desse ecossistema que os cerca, lembrando aspectos simbólicos de como era o rio, e até fazendo previsões sobre o futuro desse rio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na comunidade ribeirinha de Cachoeira de Emas, distrito localizado no município de Pirassununga-SP, onde se desenvolveu a pesquisa, alguns moradores sobrevivem da pesca artesanal, ou do turismo, realizando atividades cotidianamente no Rio Mogi-Guaçu. Esse estudo foi de extrema importância para identificar e analisar as relações que esses moradores possuem com o rio (constatando a existência de distintas relações Homem-Água) e também para verificar a percepção ambiental sobre a conservação da água e do rio desses moradores.

O resgate histórico e cultural da relação do Homem com a Água e os rios, é essencial para a compreensão das formas de conservação, e utilização responsável dos recursos naturais, incluindo a água, constantemente valorizadas pelas comunidades tradicionais ribeirinhas, porém, muitas vezes negligenciadas ou mesmo inexistentes na atual sociedade urbana. O trabalho buscou respostas simples para a utilização e gestão das águas com informações obtidas pelas vivências, experiência e sentimentos construídos pelo modo de vida e convivência direta de alguns moradores locais com o rio e a água.

A pesquisa mostrou a existência de diversas relações (não somente a utilitarista) dos moradores ribeirinhos com a água. Observou-se que o rio e a água são elementos fundamentais para a vida destas pessoas, tanto para uso e consumo como para suas relações simbólicas com a água (respeito, admiração, sentimento, religiosas, místicas, de saúde, de sobrevivência, de conservação, e lazer) diferentemente dos moradores urbanos, que têm perdido ao longo do tempo esses tipos de relações com a água, valorizando, sobretudo a de sentido utilitarista. Pode-se verificar que alguns moradores locais de Cachoeira de Emas-SP possuem uma percepção da água doce voltada como o componente mais importante dentro do ecossistema em que vivem.

Com a compreensão dessas relações Homem-Água, busca-se promover tendências de uso responsável e conservação da água que são subsidiadas por ações de valorização que as sociedades atribuem à água. Deve-se assim pensar e discutir sobre uma reconstrução socioambiental, propondo: ações reflexivas, uma (re)moralização de nossas vidas e modos de viver, uma nova forma de agir sobre a natureza, intensificando a relação Homem-Natureza e não a apropriação da mesma.

Os resultados também mostraram que os impactos ocasionados na água e no rio são facilmente identificados por esses moradores, que vivenciam e sofrem diretamente com esses impactos. Devido a isso, os moradores locais, que dependem do rio, possuem uma grande compreensão da importância da conservação do rio e da água.

Alguns moradores realizam ações diretas, no dia a dia, para ajudar a melhorar a qualidade da água do rio, recolhendo o lixo que eles veem diariamente dentro desse recurso natural. Porém, são necessárias medidas mais efetivas para a conservação da água nesse local, como advindo da pesquisa, é importante que se tenha um maior controle dos resíduos, provenientes das indústrias e das usinas de cana de açúcares, que ficam próximas ao Rio Mogi-Guaçu.

Como sugestão advinda desse estudo, a participação de alguns moradores locais comunidades no acompanhamento das políticas públicas e

na articulação para a gestão da água poderá fornecer novas oportunidades, permitindo a participação direta dessas comunidades na conservação da água e ainda possibilitar um intercâmbio entre culturas a fim de informar e adaptar ações de gestão.

Muitas vezes, moradores ribeirinhos sofrem as consequências de decisões das quais não participaram, e necessitam se adaptar, adequando-se às mudanças e buscando sua sobrevivência à medida que o próprio ambiente se altera e procura sobreviver. A garantia da participação desses povos na elaboração e no acompanhamento das leis e ações para a gestão ambiental ajuda a criar uma maior integração na relação Homem-Natureza, e consequentemente ajudando a conservar o meio ambiente e a água.

Como principal recomendação advinda da pesquisa, têm-se a necessidade de elaborar e realizar programas e ações de sensibilização para conservação da água e para a valorização dos rios, a fim de subsidiar ações de educação ambiental que reforcem as relações das pessoas com a água e o contato com os rios, propiciando maior respeito, admiração e afeto com lugares de extrema importância e essenciais para manter as diversas relações do Homem com a água. A sensibilização deve ocorrer em todas as dimensões, é necessário que haja uma sensibilização, tanto da população, quanto do poder público, para que as ações sejam efetivas e eficazes na busca pela conservação e gestão da água.

A relação das pessoas com a água e os rios, deve ser baseada no sentido em que Sauvé (2005, p. 318) escreveu: “o lugar em que se vive é o primeiro local do desenvolvimento de uma responsabilidade ambiental, onde aprende-se a tornar guardião, utilizador e construtor responsável desse local”. Dessa forma, todos podem ajudar a cuidar do recurso natural mais importante e valioso que temos em nossas vidas, a água.

5. REFERÊNCIAS

BACCI, D. de La C.; PATACA, E. M. Educação para a água. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 211 – 226, 2008.

BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage Publications, 1988. 520 p.

BONI, V.; QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Tese – Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**. Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68 – 80, 2005.

CABRAL, D. de C. Águas passadas: sociedade e natureza no rio de janeiro oitocentista. **RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 23, p. 159 – 190, 2011.

DIEGUES, A. C. (Org). **A imagem das águas**. Hucitec/Nupaub, SP. 2000. 318p.

DIEGUES, A. C. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/nupaub/simbolagua.pdf>> . Acesso em: 1 Set 2014.

DORIA, C. R. da C.; LIMA, M. A. L.; SANTOS, A. R. dos.; SOUZA, S. T. B. de.; SIMÃO, M. O. A. R.; CARVALHO, A. R. O uso do conhecimento ecológico tradicional de pescadores no diagnóstico dos recursos pesqueiros em áreas de implantação de grandes empreendimentos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 30, p. 89 – 108, 2014.

FERREIRA, D. T. A. M.; MARQUES, E. E.; BUENAFUENTE, S. M. F.; SOUZA, L. B.; GRISON, M. da. G.; LIMA, A. M. T. de. Perdas simbólicas e os atingidos por barragens: o caso da Usina Hidrelétrica de Estreito, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 30, p. 73 – 87, 2014.

FERREIRA, M. S. F. D. **Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP.

FERREIRA, M. S. F. D.; SILVA, C. J. da. Baía Chacoré – lugar para Educação Ambiental. In: SILVA, C. J. da.; SIMONI, J. **Água, biodiversidade e cultura do Pantanal: estudos ecológicos e etnobiológicos no sistema de Baías Cachoroné: Sinhá Mariana**. Cáceres: Ed. UNEMAT. 2012. p. 199 – 206.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, B. V.; GOMES, L. J. Percepção ambiental de produtores rurais na recuperação florestal da sub-bacia hidrográfica do rio Poxim – Sergipe. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 29, p. 127 – 138, 2014.

GRATÃO, L. H. B. O “olhar” a cidade pelos “olhos” das águas. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 199 – 216, 2008.

HANNIGAN, J. A.; **Sociologia Ambiental: a formação de uma perspectiva social**. Instituto Piaget, Lisboa, 1995.

HOEFFEL, J. L.; FADINI, A. A. B. Percepção Ambiental. In: **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, Vol 2. 2007. 253 – 262 p.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17 – 24. 2009.

MACHADO, C. J. S. Recursos Hídricos e Cidadania no Brasil: Limites, Alternativas e Desafios. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. VI, n. 2, p. 121 – 136, 2003.

OESTIGAARD, T. **Water, Culture and Identity: Comparing past and present traditions in the Nile Basin region**. Bergen: BRIC Press. 272 p. 2009.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 22, p. 37 – 50, 2010.

PIVELLO, V. R. PECCININI, A. A.; CARVALHO, V. M.; LOPES, P. F. O uso do solo na região da Reserva Biológica do Cerrado de Emas (Pirassununga, SP) e seu atual papel como unidade de conservação. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 3, 1997, Brasília: Depto. De Ecologia da Universidade de Brasília, 1997, p. 286 – 294.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas. 2012.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SILVA, R. V. da.; SOUZA, C. A. de.; BAMPI, A. C. Os olhares dos pescadores profissionais e proprietários comerciais, sobre o Rio Paraguai em Cáceres, Mato Grosso. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, São Paulo, n.32, p. 24 – 41, 2014.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. Difusão Editorial S.A. 1980. 288p.